

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 2 - PAISAGEM CULTURAL: ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO, GESTÃO E PROJETO - MÉTODOS DE LEITURA, IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO DA PAISAGEM / FORMAS DE ACAUTELAMENTO, SALVAGUARDA OU PROTEÇÃO / FORMAS DE INTERVENÇÃO E CONSERVAÇÃO / PLANOS DE GESTÃO / A PERSPECTIVA DA PAISAGEM URBANO-HISTÓRICA (HUL) / APLICAÇÃO DA CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM / ESTRATÉGIAS NACIONAIS E LOCAIS DE PAISAGEM NA IBERO AMÉRICA / CONHECIMENTOS TRADICIONAIS AGROBIODIVERSIDADE E TERRITÓRIO / SATS E PATRIMÔNIO / CULTURA ALIMENTAR / O PROJETO DA PAISAGEM / CIDADANIA PAISAGÍSTICA / DIREITO À PAISAGEM E DIREITO DE PAISAGEM / POLÍTICA E PAISAGEM / PAISAGEM E DIREITO À CIDADE E AOS TERRITÓRIOS / PAISAGEM COMO RECURSO POLÍTICO, ECONÔMICO E/OU IDENTITÁRIO / PAISAGEM E CONFLITOS.

PALIMPSESTO VIVO: ETNOCONSERVAÇÃO URBANA E INDICADORES PARA UMA GESTÃO PATRIMONIAL INTEGRADA

Alda De Azevedo Ferreira (aldazevedo@yahoo.com.br)

O artigo investiga os desafios contemporâneos de gestão no sítio Patrimônio Mundial do Rio de Janeiro, tomando a Praça Senador Salgado Filho como estudo de caso para evidenciar tensões entre preservação material e dinâmicas sociais de uso . Partindo da ampliação crítica do conceito de paisagem — de expressão material sociedade-natureza para construção simbólica e campo de poder —, enquadra-se o território como “palimpsesto” e defende a necessidade de paradigmas de conservação baseados em gestão

integrada, em diálogo com marcos como a Paisagem Cultural (UNESCO, 1992) e a Paisagem Urbana Histórica (HUL), mas reconhecendo entraves recorrentes: atribuição incompleta de valores, falta de monitoramento e desarticulação institucional, agravados por processos urbanos acelerados. A problemática central, portanto, é como superar uma preservação frequentemente higienista/puramente estética e reativa, que tende a ignorar usos cotidianos e disputas, produzindo fragilidades de governança e invisibilização de grupos vulneráveis. Como objetivo, o texto propõe uma via metodológica e um modelo operacional de gestão patrimonial integrada, capaz de traduzir diagnósticos qualitativos em decisões sustentadas por indicadores e gestão de riscos, orientando uma conservação democrática. A fundamentação teórica articula conservação baseada em valores e multivocalidade — entendida como múltiplas narrativas legítimas sobre o lugar —, além de uma abordagem que integra atributos físicos e vitalidade social como condição de sustentabilidade da paisagem cultural. Metodologicamente, a Etnoconservação Urbana estrutura etapas interconectadas: pesquisa histórica e atribuição de valores; inventário de valores multivocais com técnicas etnográficas (observação participante e entrevistas abertas); etnotopografia para espacializar ambiências e geografias afetivas; e, por fim, conservação preventiva e gestão de riscos pelo Método ABC, incorporando também riscos sociais (como a “dissociação comunitária”). Como resultados, o diagnóstico aponta lacunas de monitorização e fragmentação institucional frente às disputas de uso, defendendo mecanismos participativos que transcendam a estética e propondo um modelo cíclico de monitoramento orientado por indicadores e riscos. Para operacionalizar essa virada, o artigo estrutura uma matriz local de indicadores alinhada às dimensões da UNESCO (2019) (ambiental, econômica, cognitiva e social), correlacionando indicadores a valores identificados e incorporando métricas de etnotopografia e ambiências (pertencimento, zonas de fricção, microclimas e áreas de acolhimento), buscando sanar lacunas de gestão reativa e ausência de indicadores. Como desdobramentos, o modelo sugere potencial de replicação em outros bens paisagísticos e de aprimoramento de governança e participação por rotinas de acompanhamento contínuo e comparável no tempo, fortalecendo a resiliência do sítio como “patrimônio vivo”.

Palavras-chave: etnoconservação urbana; paisagem cultural; gestão do patrimônio; política da paisagem; valores patrimoniais.